

RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA MONETÁRIA E FINANCEIRA

Número Especial – O “Tarifaço” de Trump | 2025

ISSN 3085-7643

Decadência do Império Americano

Fernando Nogueira da Costa

Decadência do Império Americano

Fernando Nogueira da Costa

Professor Titular do IE-UNICAMP. Baixe seus livros digitais em “Obras (Quase) Completas”:

<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/>

E-mail: fernandonogueiracosta@gmail.com.

A divisão internacional do trabalho da Era da Globalização permitia aos Estados Unidos manter déficits comerciais sustentados por influxos de capital estrangeiro. Ela era vantajosa para os consumidores americanos.

No entanto, os ultranacionalistas alegavam esse modelo contribuir para a desindustrialização e a perda de empregos industriais, especialmente em regiões tradicionalmente associadas à base eleitoral do Partido Republicano. Donald Trump busca alterar essa dinâmica para reconquistar e fortalecer seu eleitorado, que se sente prejudicado por essas transformações econômicas.

Trump propõe políticas protecionistas, como tarifas sobre importações e incentivos à produção doméstica. Pressupõe ser possível recuperar empregos industriais ao reverter a desindustrialização em regiões como o *rust belt* (“cinturão ferruginoso”), onde muitos operários perderam empregos manufatureiros.

Limita a entrada de imigrantes porque competem por empregos em setores de serviços urbanos, com queda de salários e piores condições de trabalho. Visa também proteger o setor agrícola através de políticas em benefício de fazendeiros americanos contra concorrência de produtos agrícolas estrangeiros mais baratos.

Essas medidas buscam atender às demandas de sua base eleitoral. Ela se sente marginalizada pela globalização econômica e pela perda de empregos tradicionais.

O eleitorado de Trump, ideologicamente situado do centro-direita à extrema-direita, é diversificado. Porém, apresenta características predominantes por classe econômica, nível de escolaridade, localização geográfica e valores morais.

Ele tem apoio expressivo entre eleitores de baixa e média renda, especialmente aqueles sem diploma universitário. Maior apoio se dá entre brancos sem ensino superior, embora tenha havido crescimento entre minorias, como latinos e afro-americanos, preocupados com questões econômicas e de segurança.

Ganhou presença em áreas rurais e industriais do Meio-Oeste e Sul dos EUA, regiões afetadas pela desindustrialização. Demonstra Inclinação conservadora em temas como imigração, segurança e valores familiares.

Esse eleitorado valoriza políticas com promessas de promover o emprego doméstico, controle da imigração e proteção da indústria nacional. Para consolidar e expandir sua base eleitoral, Trump tem adotado as seguintes estratégias.

- *Primeiro, pronuncia um discurso econômico ultranacionalista.* Promove a ideia de *America First*, enfatizando a importância de políticas em favor dos americanos.
- *Critica a globalização.* Aponta os efeitos negativos da globalização na economia doméstica, responsabilizando acordos comerciais por perdas de empregos.
- *Abusa de mídias alternativas.* Utiliza plataformas digitais e redes sociais para se comunicar diretamente com seus apoiadores, contornando a mídia tradicional e espalhando *fake news*.

- *Coloca foco em temas culturais.* Aborda questões como identidade nacional, segurança e valores tradicionais para reforçar a coesão de seu eleitorado.

“O Aprendiz” adota três regras, a Regra nº 1: *ataque, ataque e ataque*; a Regra nº 2: *não admita nada, negue tudo*; e a Regra nº 3: *sempre clame vitória e nunca admita derrota*. Essas abordagens cínicas visam fortalecer o apoio entre seus eleitores tradicionais e atrair novos grupos com compartilhamento do conservadorismo.

A seguir, apresento uma análise segmentada sobre o impacto das estratégias de Donald Trump nos diferentes grupos componentes de seu eleitorado. Considero as variáveis econômicas estruturais e a lógica político-cultural de mobilização.

Os trabalhadores industriais (*rust belt* – cinturão da ferrugem), por exemplo, em Ohio, Michigan, Pensilvânia, Wisconsin, sofrem o problema estrutural dificilmente reversível: desindustrialização, terceirização da produção, automação e perda de poder sindical. O impacto das tarifas de importação e “guerra comercial” contra a China foram apresentadas como tentativa de repatriar indústrias.

Os incentivos fiscais para empresas se reinstalarem nos EUA iludem esse grupo. A narrativa mobilizadora é “recuperar empregos americanos roubados pela China” e “proteger a classe trabalhadora esquecida”. O resultado político visa obter altos níveis de adesão entre homens brancos sem ensino superior.

Também são incultos os pequenos proprietários rurais e agricultores familiares, por exemplo, de Iowa, Kansas, Dakota do Norte, interior do Texas. O problema estrutural deles é concorrência com agroexportadores estrangeiros, volatilidade de preços, dependência de subsídios federais.

O impacto das políticas de Trump de subsídios emergenciais durante a guerra comercial com a China (compensação por perdas com exportações) é justificada como uma defesa do protecionismo agrícola nos acordos comerciais.

A narrativa mobilizadora dessa gente é “a defesa do produtor americano contra mercados desleais”. O resultado político é a fidelização à candidatura mesmo diante de perdas comerciais pontuais, imaginadas passageiras.

Quanto aos trabalhadores de serviços urbanos com baixa qualificação, por exemplo, em subúrbios e regiões metropolitanas em declínio, como Nevada ou partes da Flórida, o problema estrutural é a precarização do trabalho, concorrência com imigrantes, aumento do custo de vida.

A retórica anti-imigração, promessas de construção de muro na fronteira, restrição à imigração legal e aumento da fiscalização migratória, é uma narrativa mobilizadora de ignorantes. Pensam: “os imigrantes roubam empregos e pressionam os salários”. O resultado político é o fortalecimento entre eleitores de perfil operário e renda média-baixa.

Nos Estados Unidos, cristãos evangélicos e conservadores culturais predominam no “Sul profundo”, como Alabama, Mississippi, Carolinas. Para eles, o problema estrutural é a perda de hegemonia cultural, mudanças sociais e legislativas como casamento homoafetivo, aborto, identidade de gênero.

No caso, as políticas de Trump são as nomeações conservadoras para a Suprema Corte, defesa da liberdade religiosa e oposição à “cultura do cancelamento”. A narrativa mobilizadora é “a defesa dos valores cristãos e da tradição americana”. O resultado político é a altíssima fidelidade e engajamento, especialmente entre mulheres evangélicas brancas.

Em sua base de apoio, inclui-se o empresariado nacionalista e ultraliberal, por exemplo, empresários médios e grandes do interior, capitalistas extremistas ideológicos, inclusive membros do conservador *Tea Party*. O problema estrutural está expresso em suas críticas a regulação estatal, impostos e globalismo.

Trump promete redução de impostos corporativos e desregulação ambiental. Adota uma retórica anti-ONU, anti-globalismo, defesa do “empreendedor patriótico”. A narrativa mobilizadora é “tirar o governo do caminho da liberdade econômica”. O resultado político é adquirir suporte financeiro e político estratégico, especialmente em campanhas estaduais e legislativas.

Finalmente, angaria apoio entre segmentos das minorias étnicas com ressentimentos socioeconômicos, por exemplo, entre latinos evangélicos, afro-americanos conservadores, imigrantes de 2ª geração. O problema estrutural deles é a exclusão econômica, insegurança urbana, competição com trabalho informal.

O impacto das políticas de Trump é a colocação de foco na “lei e ordem” e militarização das cidades com alto índice de criminalidade. Adota também o discurso de mérito individual, empreendedorismo e religiosidade.

A narrativa mobilizadora é conceder “oportunidade para quem trabalha duro”, em oposição ao assistencialismo social. O resultado político é o crescimento lento, mas constante, especialmente entre latinos conservadores na Flórida e no Texas.

Portanto, a base eleitoral de Trump se sustenta na convergência entre ansiedades econômicas, causadas pela globalização (desemprego, perda de poder de compra, insegurança material), e narrativas culturais mobilizadoras (valores tradicionais, anti-imigração, patriotismo). Nesse “caldo de cultura (política)”, fez alianças econômicas com grupos empresariais oportunistas em busca de se beneficiarem da desregulação e da política de corte de impostos.

Trata-se, portanto, de uma *coalizão populista ultranacionalista*. A extrema-direita neofascista tenta reverter a ordem liberal global a partir dos próprios EUA.

Antes, a valorização do dólar ajudou a conter a *inflação importada*, tornando os produtos estrangeiros mais baratos para os consumidores americanos. No entanto, essa valorização também tornou os produtos dos EUA mais caros no exterior, prejudicando as exportações e contribuindo para a desindustrialização.

Esse processo levou à redução de empregos no setor manufatureiro, forçando muitos trabalhadores a buscar oportunidades no setor de serviços urbanos, e eles nem sempre oferecem os mesmos salários ou estabilidade.

Recentemente, a imposição de tarifas comerciais elevadas pelos EUA tem pressionado a inflação, contrariando os efeitos esperados da valorização do dólar. Essas tarifas aumentam os custos de importação, elevando os preços para os consumidores e impactando negativamente a confiança dos investidores.

O déficit comercial dos Estados Unidos em 2024 foi de aproximadamente US\$ 918,4 bilhões, representando um aumento de 17% em relação a 2023. Esse valor resultou de exportações totais de cerca de US\$ 3,2 trilhões e importações de US\$ 4,1 trilhões.

Esse déficit é financiado principalmente por entradas de capital estrangeiro, ou seja, investidores internacionais compram ativos financeiros dos EUA, como títulos do Tesouro, ações e imóveis. Essa dinâmica é facilitada pelo papel do dólar como principal moeda de reserva global, por isso, capaz de manter a demanda por ativos denominados em dólar elevada.

Embora esse modelo tenha sustentado a economia dos EUA por décadas, ele apresenta riscos, devido ao acúmulo de dívidas externas: O passivo externo líquido dos EUA atingiu cerca de -72,6% do PIB, indicando uma crescente dependência de financiamento externo.

Aumentou a vulnerabilidade a mudanças de confiança. Como os investidores estrangeiros agora perderam a confiança na economia dos EUA, reduzem ou reverterem seus investimentos, levando a uma desvalorização do dólar e aumento das taxas de juros.

Antes, a valorização do dólar tornava as exportações americanas menos competitivas, incentivando a importação de produtos manufaturados e contribuindo para a perda de empregos na indústria, ou seja, provocava desindustrialização.

No passado recente, entradas massivas de capital inflacionaram os preços de ativos, como imóveis e ações, aumentando o risco de bolhas e crises financeiras. Embora o financiamento do déficit comercial por capital estrangeiro tenha permitido aos EUA manter baixos níveis de *poupança interna* (ou altos de *poupança externa* com déficit do balanço de transações correntes) e altos padrões de consumo, essa estratégia não foi vista como sustentável em longo prazo. A dependência de investidores estrangeiros tornou a economia norte-americana vulnerável a choques externos e mudanças na confiança global.

Para mitigar esses riscos, os EUA de Trump adota políticas supostamente capazes de incentivar a poupança interna, reduzir o déficit fiscal e promover a competitividade da indústria nacional com o anacrônico modelo de substituição de importações do nacional-desenvolvimentismo latino-americano. *Tenta a reversibilidade do tempo!*

Antes de 2001, a globalização era liderada pelos EUA, Europa e Japão. Cadeias globais de valor foram organizadas em torno dos países centrais e seus vizinhos, por exemplo, NAFTA, Europa Oriental para a Alemanha, etc. Os países periféricos estavam limitados à exportação de *commodities* e manufaturas simples.

Após 2001, a China entrou na OMC e se integrou às cadeias globais como a grande plataforma de montagem industrial mundial como “a fábrica do mundo”. A globalização acelerou fortemente, mas passou a ter a centralidade asiática. Esse novo tipo, a “globalização de plataformas”, tornou-se baseada na fragmentação da produção em diversas localidades para serem montadas na China.

Com essas alterações na divisão internacional do trabalho, a China tornou-se *hub industrial*, ascendendo dos produtos de baixa tecnologia (têxtil, brinquedos) para alta tecnologia (eletrônicos, painéis solares, telecomunicações). Os BRICS e periferia (“Sul Global”) reforçaram seu papel de fornecedores de *commodities* (minério, petróleo, alimentos) para sustentar a urbanização e industrialização chinesa, além dos mercados norte-americanos e europeus.

Os EUA e Europa passaram a especializar-se ainda mais em serviços financeiros, inovação e *design*. Essa relativa desindustrialização aconteceu porque as empresas transnacionais com origem neles ganham mais com *pré e pós produção*.

A taxa de desemprego manteve-se estável em 4,2%, em março de 2025, com aproximadamente 7,1 milhões de pessoas desempregadas. A taxa de inflação anual estava em 2,4%. Era um “jogo ganha-ganha” e a base eleitoral de Trump não percebia... Agora, sentirá o impacto do “jogo perdeu-ganha”.